A ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NAS SÉRIES INICIAIS

ELIANE FELIZARDO SILVA

RESUMO

Esse artigo vem buscar reflexões a respeito da alfabetização na educação infantil e nas séries iniciais. A escrita emergente é a primeira tentativa de crianças pequenas no processo de escrita. Crianças a partir dos 2 anos de idade começam a imitar o ato de escrever, criando desenhos e marcações simbólicas que representam seus pensamentos e ideias. Este é o início de uma série de estágios pelos quais as crianças progridem à medida que aprendem a escrever. Habilidades emergentes de escrita, como o desenvolvimento de proficiência em escrita de nomes, são importantes preditores das futuras habilidades de leitura e escrita das crianças. Os professores desempenham um papel importante no desenvolvimento da escrita emergente de crianças de 3 a 5 anos, incentivando as crianças a comunicarem seus pensamentos e registrar suas ideias. Em algumas salas de aula da primeira infância, entretanto, experiências emergentes de escrita são quase inexistentes. Este artigo compartilha uma estrutura para a compreensão da escrita emergente e liga a estrutura para diferenciar as experiências de escrita emergente de crianças pequenas.

Palavras-Chave: Escrita; Desenvolvimento; Primeira Infância.

ABSTRACT

This article seeks to reflect on literacy and literacy in early childhood education. Emergent writing is the first attempt by young children in the writing process. Children from 2 years of age begin to imitate the act of writing, creating drawings and symbolic markings that represent their thoughts and ideas. This is the beginning of a series of stages through which children progress as they learn to write. Emerging writing skills, such as developing name writing proficiency, are important predictors of children's future reading and writing skills. Teachers play an important role in the development of emerging writing for children aged 3 to 5, encouraging children to communicate their thoughts and record their ideas. In some early childhood classrooms, however, emerging writing experiences are almost nonexistent. This article shares a framework for understanding emerging writing and links the framework to differentiate the emerging writing experiences of young children.

Key words: Writing; Development; Early Childhood.

INTRODUÇÃO

Os pré-escolares começam a "escrever" rabiscando e desenhando formas semelhantes a letras em um grande movimento circular. Frequentemente, as primeiras letras de uma criança são desenhadas acidentalmente e então identificadas pela criança ou pelos pais. As crianças dessa idade formarão letras para representar a linguagem escrita para palavras significativas como seus nomes ou frases como "Eu te amo". Crianças em idade pré-escolar que veem crianças mais velhas ou adultos escreverem começam a perceber que escrever tem um propósito e eles vão querer tentar.

O desenvolvimento da língua oral e o desenvolvimento da escrita se suportam e se influenciam mutuamente. Nos meios letrados, onde a escrita faz parte da vida cotidiana da família, a construção das duas modalidades se dá simultaneamente: ao mesmo tempo em que a criança aprende a falar ela começa a aprender as funções e os usos da escrita [...]. (TERZI, 1995, p. 91)

As crianças aprendem a usar símbolos, combinando sua linguagem oral, imagens, impressão e brincadeiras em um meio misto coerente e criando e comunicando significados de várias maneiras. A partir de suas experiências iniciais e interações com adultos, as crianças começam a ler palavras, processando relações letra-som e adquirindo conhecimento substancial do sistema alfabético. À medida que continuam a aprender, as crianças consolidam cada vez mais essas informações em padrões que permitem automaticidade e fluência na leitura e na escrita. Consequentemente, a aquisição da leitura e da escrita é mais conceituada como um continuum de desenvolvimento do que como um fenômeno do tudo ou nada.

Mas a habilidade de ler e escrever não se desenvolve naturalmente, sem um planejamento cuidadoso e instrução. As crianças precisam de interações regulares e ativas com a impressão. As habilidades específicas exigidas para leitura e escrita vêm de experiências imediatas com a linguagem oral e escrita. As experiências nesses primeiros anos começam a definir as suposições e expectativas sobre como se alfabetizar e a dar às crianças a motivação para trabalhar no sentido de aprender a ler e escrever. Com essas experiências, as crianças aprendem que ler e escrever são ferramentas valiosas que as ajudarão a fazer muitas coisas na vida.

DO NASCIMENTO À EDUCAÇÃO INFANTIL

Já nos primeiros meses de vida, as crianças começam a fazer experiências com a linguagem. Bebês pequenos fazem sons que imitam os tons e ritmos da conversa de adultos; eles "leem" gestos e expressões faciais e começam a associar sequências de sons frequentemente ouvidos - palavras - com seus referentes. A partir desses inícios notáveis, as crianças aprendem a usar uma variedade de símbolos.

[...] atividades de expressão como o desenho, a pintura, a brincadeira de faz-de-conta, a modelagem, a construção, a dança, a poesia e a própria fala [...] são essenciais para a formação da identidade, da inteligência e da personalidade da criança, além de constituírem as bases para a aquisição da escrita como um instrumento cultural complexo (MELLO, 2009, p.22).

Em meio ao ganho de facilidade com esses sistemas de símbolos, as crianças adquirem, por meio de interações com outras pessoas, o insight de que tipos específicos de marcas - impressos - também podem representar significados. No início, as crianças usarão as pistas físicas e visuais em torno da impressão para determinar o que algo diz. Mas, à medida que desenvolvem uma compreensão do princípio alfabético, as crianças começam a processar letras, traduzi-las em sons e conectar essas informações com um significado conhecido. Embora possa parecer que algumas crianças adquirem esses entendimentos magicamente ou por conta própria, estudos sugerem que elas são beneficiárias de orientação e instrução de adultos consideráveis, embora lúdicas e informais.

Na educação infantil, ler com os ouvidos e escrever com a boca (situação em que a professora ou o professor se põe na função de enunciadora ou de escriba) é mais fundamental do que ler com os olhos e escrever com as próprias mãos. Ao ler com os ouvidos, a criança não apenas se experimenta na interlocução com o discurso escrito organizado, como vai compreendendo as modulações de voz que se enuncia num texto escrito. Ela aprende a voz escrita, aprende a sintaxe escrita, aprende as palavras escritas (BRITTO, 2012, p.17).

Uma diversidade considerável nas experiências de linguagem oral e escrita das crianças ocorre nestes anos. Em casa e em situações de cuidado infantil, as crianças encontram muitos recursos, tipos e graus de apoio diferentes para a leitura e escrita precoce. Algumas crianças podem ter acesso imediato a uma variedade de materiais de escrita e leitura, enquanto outras não; algumas crianças observarão seus pais escrevendo e lendo com frequência, outras apenas ocasionalmente; algumas crianças recebem instrução direta, enquanto outras recebem uma assistência muito mais casual e informal.

O que isso significa é que nenhum método ou abordagem de ensino é provavelmente o mais eficaz para todas as crianças. Em vez disso, bons professores colocam em prática uma variedade de estratégias de ensino que podem abranger a grande diversidade de crianças nas escolas. A excelente instrução baseia-se no que as crianças já sabem e podem fazer e fornece conhecimento, habilidades e disposições para a aprendizagem ao longo da vida. As crianças precisam aprender não apenas as habilidades técnicas de leitura e escrita, mas também como usar essas ferramentas para melhorar seu pensamento e raciocínio.

[...] a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada (grifo da autora) (SOARES, 2009, p.24).

A atividade isolada mais importante para construir esses entendimentos e habilidades essenciais para o sucesso da leitura parece ser ler em voz alta para as crianças. A leitura de livros de alta qualidade ocorre quando as crianças se sentem emocionalmente seguras e são participantes ativos na leitura. Fazer perguntas preditivas e analíticas em ambientes de pequenos grupos parece afetar o vocabulário das crianças e a compreensão das histórias. As crianças podem falar sobre as imagens, recontar a história, discutir suas ações favoritas e solicitar várias releituras.

Um objetivo central durante esses anos pré-escolares é aumentar a exposição e os conceitos das crianças sobre a impressão. Alguns professores usam livros grandes para ajudar as crianças a distinguirem muitos recursos impressos, incluindo o fato de que a impressão (em vez de imagens) carrega o significado da história, que as sequências de letras entre os espaços são palavras e na impressão correspondem a uma versão oral, e que a leitura avança da esquerda para a direita e de cima para baixo. No decorrer da leitura de histórias, os professores podem demonstrar essas características apontando para palavras individuais, direcionando a atenção das crianças para onde começar a ler e ajudando-as a reconhecer as letras e os sons.

As crianças também precisam de oportunidade para praticar o que aprenderam sobre impressão com seus colegas e sozinhas. Estudos sugerem que o arranjo físico da sala de aula pode promover o tempo com os livros. Uma área importante é a biblioteca da sala de aula - uma coleção de histórias atraentes e livros informativos que fornece às crianças acesso imediato aos livros. Visitas regulares à escola ou biblioteca pública e o registro do cartão da biblioteca

garantem que os acervos infantis permaneçam continuamente atualizados e podem ajudar as crianças a desenvolverem o hábito da leitura como um aprendizado para a vida. Em ambientes confortáveis de biblioteca, as crianças muitas vezes fingem ler, usando pistas visuais para lembrar as palavras de suas histórias favoritas. Embora estudos tenham mostrado que essas leituras fingidas são apenas isso.

Os livros de histórias não são o único meio de proporcionar às crianças exposição à linguagem escrita. As crianças aprendem muito sobre a leitura com as etiquetas, sinais e outros tipos de impressão que veem ao seu redor. Etiquetas impressas altamente visíveis em objetos, placas e quadros de avisos em salas de aula demonstram os usos práticos da linguagem escrita. Em ambientes ricos em impressão, as crianças incorporam a alfabetização em suas peças dramáticas, usando essas ferramentas de comunicação para realçar o drama e o realismo da situação de faz de conta. Essas experiências lúdicas do dia a dia por si mesmas não tornam a maioria das crianças leitores. Em vez disso, eles expõem as crianças a uma variedade de experiências impressas e aos processos de leitura para fins reais.

Um insight fundamental desenvolvido nos primeiros anos das crianças por meio da instrução é o princípio alfabético, a compreensão de que existe uma relação sistemática entre letras e sons. Os professores frequentemente envolvem as crianças na comparação das formas das letras, ajudando-as a diferenciar visualmente várias letras. Livros alfabéticos e quebra-cabeças em que as crianças podem ver e comparar letras podem ser a chave para um aprendizado fácil e eficiente.

Ao mesmo tempo, as crianças aprendem sobre os sons da linguagem por meio da exposição a jogos de consciência linguística, cantigas infantis e atividades rítmicas. Algumas pesquisas sugerem que as raízes da consciência fonêmica, um poderoso preditor de sucesso na leitura posterior, são encontradas em rimas tradicionais, saltos e jogos de palavras.

Embora a facilidade das crianças em consciência fonêmica tenha demonstrado uma forte relação com o desempenho posterior da leitura, o papel preciso que desempenha nesses primeiros anos não é totalmente compreendido. Percepção fonêmica se refere à compreensão e percepção consciente da criança de que a fala é composta de unidades identificáveis, como palavras faladas, sílabas e sons.

Ainda assim, é altamente suspeito se esse treinamento é apropriado para crianças mais jovens. Outros estudiosos descobriram que as crianças se beneficiam mais desse treinamento somente depois de aprenderem alguns nomes de letras, formas e sons e podem aplicar o que aprenderam à leitura real em contextos significativos. Mesmo nessa idade, no entanto, muitas crianças adquirem habilidades de consciência fonêmica sem treinamento específico, mas como consequência do aprendizado da leitura. Nos anos pré-escolares, a sensibilização das crianças às semelhanças sonoras não parece depender fortemente do treinamento formal, mas antes de ouvir textos padronizados e previsíveis, enquanto aprecia a sensação da leitura e da linguagem.

As crianças adquirem um conhecimento prático do sistema alfabético não apenas por meio da leitura, mas também da escrita. Alguns educadores podem se perguntar se a ortografia inventada promove maus hábitos de ortografia. Ao contrário, estudos sugerem que a ortografia temporária inventada pode contribuir para o início da leitura. Embora as grafias inventadas pelas crianças não estivessem em conformidade com a grafia correta, o processo as encorajou a pensar ativamente sobre as relações letra-som. À medida que as crianças se envolvem na escrita, elas aprendem a segmentar as palavras que desejam soletrar em sons constituintes.

As salas de aula que oferecem às crianças oportunidades regulares de se expressarem no papel, sem se sentirem muito constrangidas para a grafia correta e a caligrafia adequada, também ajudam as crianças a compreenderem que a escrita tem um propósito real. Os professores podem organizar situações que demonstrem o processo de escrita e envolvam ativamente as crianças nele. Alguns professores atuam como escribas e ajudam as crianças a escreverem suas ideias, tendo em mente o equilíbrio entre as crianças fazerem isso sozinhas e pedirem ajuda. No início, esses produtos provavelmente enfatizam imagens com poucas tentativas de escrever letras ou palavras. Com incentivo, as crianças começam a rotular suas fotos, contar histórias e tentar escrever histórias sobre as imagens que desenharam.

Assim, a imagem que emerge da pesquisa nesses primeiros anos de leitura e escrita infantil é aquela que enfatiza a ampla exposição à imprensa e ao desenvolvimento de conceitos sobre ela e suas formas e funções. Salas de aula repletas de livros impressos, jogos de linguagem e alfabetização, leitura de contos de fadas e escrita permitem que as crianças experimentem a alegria e o poder associados à leitura e escrita, enquanto dominam os conceitos básicos sobre impressão de que a pesquisa mostrou serem fortes indicadores de desempenho.

A EDUCAÇÃO INFANTIL E A ALFABETIZAÇÃO

O conhecimento das formas e funções da impressão serve como base a partir da qual as crianças se tornam cada vez mais

sensíveis às formas das letras, nomes, sons e palavras. No entanto, nem todas as crianças vêm para o

jardim de infância com níveis semelhantes de conhecimento sobre a linguagem impressa. Estimar onde cada criança está desenvolvendo e construir sobre essa base, uma característica-chave de todo bom ensino, é particularmente importante para o professor de jardim de infância. A instrução precisará ser adaptada para levar em conta as diferenças das crianças. Para as crianças com muitas experiências impressas, a instrução estenderá seus conhecimentos à medida que aprenderem mais sobre as características formais das letras e suas correspondências sonoras.

á crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita.

(FERREIRO, 1999, p.23)

Para outras crianças com menos experiências anteriores, iniciando-as no princípio alfabético, que um conjunto limitado de letras compreende o alfabeto e que essas letras representam os sons que compõem as palavras faladas, exigirá uma instrução mais focada e direta. Em todos os casos, entretanto, as crianças precisam interagir com uma rica variedade de impressos.

Neste ano crítico, os professores de educação infantil precisam aproveitar todas as oportunidades para aprimorar o desenvolvimento do vocabulário das crianças. Uma abordagem é ouvir histórias. As crianças precisam ser expostas ao vocabulário de uma ampla variedade de gêneros, incluindo textos informativos e narrativas. O aprendizado do vocabulário, entretanto, não é necessariamente simplesmente um subproduto da leitura de histórias. Algumas explicações de palavras do vocabulário antes de ouvir uma história estão significativamente relacionadas ao aprendizado de novas palavras pelas crianças.

Para Soares (2004, p. 12)

é imprescindível alfabetizar letrando, pois ambos se complementam: Alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita é sem dúvida o caminho para superação dos problemas que vimos enfrentando nesta etapa da escolarização; descaminhos serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando no reiterado fracasso da escola brasileira em dar às crianças acesso efetivo ao mundo da escrita.

Leituras repetidas parecem reforçar ainda mais a linguagem do texto, bem como familiarizar as crianças com a maneira como os diferentes gêneros são estruturados. Compreender as formas dos textos informativos e narrativos parece distinguir as crianças para as quais se leram bem das que não o fizeram.

Atividades que ajudam as crianças a esclarecerem o conceito de palavra também merecem algum tempo e atenção no currículo da educação infantil. Os gráficos de experiência de linguagem que permitem que os professores demonstrem como a conversa pode ser escrita, fornecem um meio natural para o desenvolvimento da consciência das palavras pelas crianças em contextos significativos. A transposição de palavras faladas por crianças em símbolos escritos por meio de ditado fornece uma demonstração concreta de que sequências de letras entre espaços são palavras e que nem todas as palavras têm o mesmo comprimento.

Muitas crianças entram na educação infantil com pelo menos algum conhecimento superficial das letras do alfabeto. Uma meta importante para o professor de jardim de infância é reforçar essa habilidade, garantindo que as crianças possam reconhecer e discriminar essas formas de letras com facilidade e fluência crescentes. A proficiência das crianças na nomeação de letras é um indicador bem estabelecido de suas conquistas no final do ano, provavelmente porque medeia a capacidade de lembrar sons. Geralmente, uma boa regra de acordo com a teoria de aprendizagem atual é começar com as letras maiúsculas mais facilmente visualizadas, a serem seguidas pela identificação das letras minúsculas. Em cada caso, introduzir apenas algumas letras por vez, em vez de muitas, aumenta o domínio.

Mais ou menos na época em que as crianças são capazes de identificar os nomes das letras, elas começam a associá-las aos sons que ouvem. Crianças com consciência fonêmica podem pensar e manipular sons em palavras.

Há evidências acumuladas de que instruir crianças em atividades de consciência fonêmica no jardim de infância (e na primeira série) melhora o desempenho da leitura. Embora um grande número de crianças adquira habilidades de consciência fonêmica à medida que aprendem a ler, estima-se que 20% não o farão sem treinamento adicional.

A escrita não se desenvolve, de forma alguma, em uma linha reta, com um crescimento e aperfeiçoamentos contínuos. Como qualquer outra função psicológica cultural, o desenvolvimento da escrita depende, em considerável extensão, das técnicas de escrita usadas e equivale essencialmente à substituição de uma técnica por outra. (LURIA,

1988, p. 180).

Na educação infantil, muitas crianças começarão a ler algumas palavras por meio do reconhecimento ou do processamento de relações entre letras e sons. Quanto mais oportunidades as crianças tiverem de escrever, maior será a probabilidade de reproduzirem a grafia das palavras que viram e ouviram.

As primeiras atividades de alfabetização ensinam às crianças muito sobre escrita e leitura, mas geralmente de maneiras que não se parecem muito com a instrução tradicional do ensino fundamental. Tirando proveito da natureza ativa e social da aprendizagem das crianças, a instrução precoce deve fornecer ricas demonstrações, interações e modelos de alfabetização no curso de atividades que façam sentido para crianças pequenas. As crianças também devem aprender sobre a relação entre a linguagem oral e escrita e a relação entre letras, sons e palavras. Em salas de aula construídas em torno de uma ampla variedade de atividades impressas, ao falar, ler, escrever, brincar e ouvir umas às outras, as crianças vão querer ler e escrever e se sentirão capazes de fazê-lo.

OS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A instrução assume uma natureza mais formal à medida que as crianças passam para as séries do ensino fundamental. Aqui, é praticamente certo que as crianças receberão pelo menos alguma instrução de um produto publicado comercialmente, como uma série de antologia de base ou literatura.

A leitura e a escrita que até então eram práticas culturais cuja aprendizagem se encontrava restrita a poucos e ocorria por meio de transmissão assistemática de seus rudimentos no âmbito privado do lar, ou de maneira menos informal, mas ainda precária, nas poucas “escolas” do Império (“aulas régias”) tornaram-se fundamentos da escola obrigatória, leiga e gratuita e objeto de ensino e aprendizagem escolarizados (MORTATTI, 2000, p.02).

A instrução deve ter como objetivo ensinar as relações importantes entre letras e sons, que, uma vez aprendidas, são praticadas por meio de muitas oportunidades de leitura. À medida que os processos de reconhecimento de palavras se tornam mais automáticos, as crianças tendem a dedicar mais atenção aos processos de compreensão de nível superior. Como essas experiências de leitura tendem a ser gratificantes para as crianças, elas podem ler com mais frequência; assim, a realização da leitura pode ser um subproduto do prazer da leitura.

Uma das marcas da leitura habilidosa é a identificação fluente e precisa das palavras. A verdadeira leitura é compreensão. As crianças precisam ler uma grande variedade de materiais interessantes e compreensíveis, que possam ler oralmente com cerca de 90 a 95% de precisão. No início, as crianças tendem a ler lenta e deliberadamente, enquanto se concentram exatamente no que está na página. Na verdade, eles podem parecer "colados à impressão", descobrindo os detalhes da forma no nível da palavra. No entanto, a expressão de leitura, a fluência e a compreensão das crianças geralmente melhoram quando leem textos familiares.

O conceito de alfabetização refere-se também ao processo de aquisição das primeiras letras, e com tal, envolve sequencias de operações cognitivas, estratégias, modo de fazer. Quando dizemos que a criança está sendo alfabetizada, estamos nos referindo ao processo que envolve o engajamento físico-motor, mental e emocional da criança num conjunto de atividades, de total tipo, que tem por objetivo a aprendizagem do sistema da língua escrita (KLEIMAN, 2005, p. 13, 14)

As crianças não usam apenas seu conhecimento crescente dos padrões de som das letras para ler textos desconhecidos. Eles também usam uma variedade de estratégias. Mesmo nas primeiras séries, as crianças fazem previsões sobre o que devem ler, autocorrigir, reler e questionar se necessário, dando evidências de que são capazes de ajustar sua leitura quando a compreensão falha.

Mas as crianças também precisam de tempo para a prática independente. Essas atividades podem assumir várias formas. Visitar a biblioteca e programar períodos independentes de leitura e escrita em salas de aula ricas em alfabetização também proporcionam às crianças a oportunidade de selecionar livros de sua própria escolha. Eles podem se envolver em atividades sociais de leitura com seus pares, fazer perguntas e escrever histórias, todas as quais podem nutrir interesse e apreciação pela leitura e escrita.

Relacionamentos de apoio entre esses processos de comunicação levam muitos professores a integrarem a leitura e a escrita na instrução em sala de aula. Afinal, escrever desafia as crianças a pensar ativamente sobre a impressão. Enquanto jovens autores lutam para se expressar, eles se deparam com diferentes formas escritas, padrões sintáticos e temas. Eles usam a escrita para vários fins: escrever descrições, listas e histórias para se comunicar com outras pessoas. É importante que os professores exponham as crianças a uma variedade de formas de texto, incluindo histórias, relatórios e textos informativos, e que ajudem as crianças a selecionarem vocabulário e pontuar frases simples que atendam às demandas do público e do propósito. Uma vez que a instrução de caligrafia ajuda as crianças a se comunicarem de maneira eficaz, também deve fazer parte do processo

de escrita. Aulas curtas demonstrando certas formações de letras vinculadas à publicação da escrita fornecem um momento ideal para o ensino. Oficinas de leitura e escrita, nas quais os professores fornecem instruções individuais e em pequenos grupos, podem ajudar as crianças a desenvolverem as habilidades de que precisam para se comunicar com outras pessoas.

Embora os rascunhos iniciais das crianças contenham grafias inventadas, o aprendizado da grafia assumirá uma importância cada vez maior nestes anos. A instrução ortográfica deve ser um componente importante do programa de leitura e escrita, pois afeta diretamente a capacidade de leitura. Alguns professores criam suas próprias listas de ortografia, concentrando-se em palavras com padrões comuns, palavras de alta frequência, bem como algumas palavras pessoalmente significativas da escrita das crianças.

De fato, ainda é preciso aprender a ler e escrever, mas a alfabetização entendida como aquisição de habilidades de mera decodificação e codificação da linguagem escrita e as correspondentes dicotomias analfabetismo x alfabetização e analfabeto x alfabetizado não bastam... mais. É preciso, hoje, também saber utilizar a leitura e a escrita de acordo com as contínuas exigências sociais, e esse algo a mais é o que vem designado de letramento (MORATATTI, 2004, p. 34).

À medida que as capacidades das crianças se desenvolvem e se tornam mais fluentes, o ensino mudará de um foco central em ajudar as crianças a aprenderem a ler e escrever para ajudá-las a ler e escrever para aprender. Cada vez mais, a ênfase dos professores será em incentivar as crianças a se tornarem leitores independentes e produtivos, ajudando-os a estender suas habilidades de raciocínio e compreensão ao aprender sobre seu mundo. Os professores precisarão fornecer materiais desafiadores que exijam que as crianças analisem e pensem de forma criativa e de diferentes pontos de vista. Eles também precisarão garantir que as crianças tenham prática em leitura e escrita (dentro e fora da escola) e muitas oportunidades para analisar tópicos, gerar perguntas e organizar respostas escritas para diferentes propósitos em atividades significativas.

Ao longo desses anos críticos, a avaliação precisa dos conhecimentos, habilidades e disposições das crianças em leitura e escrita ajudará os professores a combinarem melhor a instrução com como e o que as crianças estão aprendendo. No entanto, a leitura e a escrita iniciais não podem ser medidas simplesmente como um conjunto de habilidades estreitamente definidas em testes padronizados. Essas medidas geralmente não são indicadores confiáveis ou válidos do que as crianças podem fazer na prática típica, nem são sensíveis à variação de linguagem, cultura ou experiências de crianças pequenas.

Em vez disso, uma avaliação sólida deve ser ancorada em tarefas de escrita e leitura da vida real e registrar continuamente uma ampla gama de atividades de alfabetização das crianças em diferentes situações. Uma boa avaliação é essencial para ajudar os professores a adaptarem a instrução apropriada para crianças pequenas e saber quando e quanto instrução intensiva em qualquer habilidade ou estratégia específica pode ser necessária.

Ao final da terceira série, as crianças ainda terão muito a aprender sobre alfabetização. É claro que alguns estarão mais avançados no caminho para a leitura e a escrita independentes do que outros. No entanto, com instrução de alta qualidade, a maioria das crianças será capaz de decodificar palavras com um grau razoável de facilidade, usar uma variedade de estratégias para se adaptar a diferentes tipos de texto e ser capaz de se comunicar de maneira eficaz para vários fins usando ortografia convencional pontuação. Acima de tudo, eles passarão a se ver como leitores e escritores capazes, tendo dominado o complexo conjunto de atitudes, expectativas, comportamentos e habilidades relacionadas à linguagem escrita.

À medida que as crianças aprendem as formas das letras, eles são capazes de transformá-las em palavras. Isso adiciona outra ferramenta em seu arsenal de comunicação, ligando a palavra falada e escrita. Os adultos ajudam incentivando esse rabisco e orientando para as letras. À medida que os jovens escritores passam de rabiscar para escrever mal e para escrever bem, eles começam a se deslocar para outras habilidades de escrita relacionadas à leitura, como ler da esquerda para a direita e de cima para baixo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização precoce desempenha um papel fundamental ao possibilitar o tipo de experiências de aprendizagem precoce que as pesquisas mostram que estão vinculadas ao desempenho acadêmico, redução da retenção de notas, maiores taxas de graduação e maior produtividade na vida adulta.

Um crescente corpo de evidências mostra que as experiências de aprendizagem iniciais estão relacionadas com o desempenho escolar posterior, bem-estar emocional e social, menos retenções de série e menor incidência de delinquência juvenil e que esses resultados são todos fatores associados à produtividade adulta posterior.

A linguagem oral fornece às crianças um sentido de palavras e frases e aumenta a sensibilidade ao sistema de som para que as crianças possam adquirir consciência fonológica e fonética. Por meio de sua própria fala, as crianças demonstram sua compreensão do significado das palavras e dos materiais

escritos.

Aprender a ler e escrever é um processo contínuo desde a infância. Ao contrário da crença popular, não começa repentinamente no jardim de infância ou na primeira série. Desde os primeiros anos, tudo o que os adultos fazem para apoiar a linguagem e a alfabetização das crianças é fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITTO, Luiz Percival Leme. "Letramento e alfabetização: implicações para a educação infantil". FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suelly Amaral (Orgs). O mundo da escrita no universo da pequena infância. 3ª edição.

Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

FERREIRO, Emilia. Alfabetização em processo. São Paulo: Cortez, 1996. KLEIMAN, Â. B. Precisa ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? Centro de Formação de Professores do Instituto de Estudos da Linguagem (CEFIEL). Ministério da Educação. Unicamp, 2005.

LURIA, Alexandr. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKI, Liev Semionovich; LURIA, Alexandr Romonovich; LEONTIEV, Alexis.

Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 4. ed. São Paulo: Icone, 1988.

MORTATTI, M. R. L. Os Sentidos da Alfabetização. Ed. São Paulo: Editora.

Unesp, 2000.

–––––. Educação e Letramento. 4. ed. São Paulo: Editora, Unesp, 2004.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento, caminhos e descaminhos. Pátio, nº. 29. Ano VII, editora Artes Médicas Sul Ltda, 2004.

_____. Letramento: um tema em três gêneros. 3ª Edição. Belo horizonte, MG: Autentica Editora, 2009.

TERZI, Silvia Bueno. "A Oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados". KLEIMAN, Ângela B (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a pratica social da escrita. 10ª edição. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.